

URBANIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM NO ALTO IMPÉRIO ROMANO: A COLÔNIA DE *AUGUSTA EMERITA*

*Airan dos Santos Borges**

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa que realizei como mestranda do Programa de Pós Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora Doutora Norma Musco Mendes. A problemática central da pesquisa é a análise da construção da paisagem imperial na cidade de *Augusta Emerita* como uma representação do domínio imperial romano, pois consideramos que as *civitates*, representaram a forma específica de apropriação, intervenção e ordenação do espaço que correspondia às relações de dominação, autoridade, centralização, integração regional e inter-regional.

PALAVRAS-CHAVE: Alto Império, Augusto, Província da Lusitânia, *Augusta Emerita*, Urbanismo.

URBANIZATION AND EDIFICATION OF THE LANDSCAPE IN THE HIGH ROMAN EMPIRE: THE ROMAN COLONY OF AUGUSTA EMERITA

ABSTRACT: The aim of this article is to show my research in the Graduation Program in Comparative History from Federal University of Rio de Janeiro whose essential set of problems is the analysis of the making of imperial landscape into the city of *Augusta Emerita* as a roman imperial domain's representation.

KEYWORDS: High Empire, Augustus, *Augusta Emerita*, Urbanization, Lusitania.

Sabemos que o Império Romano formou, ao longo dos séculos, uma unidade político-cultural de grande complexidade, sendo o produto de um lento processo de conquista militar e centralização política, primeiro da cidade de Roma sobre a Itália, depois para as demais regiões que margeiam o Mediterrâneo.

Concordando com Norma Musco Mendes, consideramos que sua manutenção esteve ligada à criação de um sistema de valores compartilhados, formado com base nos padrões culturais do centro imperial, que sobrepujou a diversidade local. Isto se refletiu em todas as variáveis que marcam a presença imperial (formas de organização do espaço, arte, cosmologia,

* Mestranda, UFRJ / PPGHC / LHIA. *E-mails:* borgesairan@hotmail.com; airanborges@yahoo.com.br.

Nota da autora: Quero registrar um agradecimento especial a Lair Amaro, pelo incentivo e ajuda com o inglês. É impossível esquecer-se dos grandes amigos.

estilo arquitetônico, práticas sociais, rituais), as quais, atuando de forma não coercitiva, favoreceram a cooptação, a cooperação e a identificação dos grupos locais com o centro dominante (MENDES, 2000). Podemos afirmar com Greg Woolf que, em suas especificidades, o Império Romano não se configurava em uma organização social homogênea, outrossim, agrupava diferentes sociedades, sob o domínio de uma única cidade, Roma (WOOLF, 1998, GUARINELLO, 2006).

De fato, observamos na experiência romana que a prática de fundação de cidades foi parte integrante do projeto cultural imperial de manutenção do domínio nas regiões conquistadas. Dialogando com os apontamentos de Pierre Grimal, consideramos que a cidade romana não trazia só um novo *habitat*, mas também novas concepções que propunham novas formas de organização política e social para as áreas conquistadas. Frente a isso, além de representar um determinado número de comodidades materiais, a cidade romana era, sobretudo, o símbolo onipresente de um sistema religioso, social, político e cultural que formava a estrutura da *humanitas* (GRIMAL, 2003, pg.10).

Assim, no estudo de caso sobre o qual nos debruçamos identificamos a estratégia de fundação de cidades como uma forma de apropriação dos territórios conquistados, de dominação do seu espaço físico, mas também como uma forma de construção de um espaço simbólico de divulgação da identidade romana e de construção de meios de comunicação entre o imperador e seus súditos.

Para tanto, nossas análises estão atreladas às definições de espaço desenvolvidas por Henri Lefebvre. Segundo o autor, o espaço pode ser compreendido como um produto social no qual cada sociedade produz a sua própria concepção com base na especificidade de suas relações sociais e de poder. Desse modo, o estudo de tais 'espaços sociais' levaria em conta a análise conjunta das práticas sociais envolvidas no processo, as representações do espaço construídas e disseminadas no *ethos* da sociedade e a criação de espaços representacionais que perpetuam a visão de mundo compartilhada (LEFEBVRE, 1991).

O CASO DE AUGUSTA EMERITA

A colônia de *Augusta Emerita* foi fundada a mando do Imperador Augusto às margens do Rio Guadiana, em um lugar incógnito e sem histórico romano por veteranos de guerra das legiões *V Alaudae* e *X Gemina* oriundos de diferentes regiões do Império. Quanto à datação de tal evento, nos vinculamos à historiografia que registra a *deductio* de *Augusta Emerita* no ano 25 a.C. na província da Lusitânia.

Concordamos com Patrick Le Roux na análise de que, embora *Augusta Emerita* fosse fundada pelos *emeritus* de Augusto, ou seja, os soldados vitoriosos do imperador, "a presença de veteranos na região não atribuía à colônia uma vocação militar, igualmente, evidenciaria a manutenção de longos tempos de paz" (LE ROUX, 2004, pg. 18).

Segundo Walter Trillmich, os investimentos iniciais na arquitetura da cidade foram

Urbanização e a construção da paisagem no Alto Império romano: a colônia de Augusta Emerita financiados pelo Imperador e sua família. Frente a isso, o que se vê nos primeiros anos de *Emerita* é a ausência de evergetismo nos grandes monumentos públicos. Nesse sentido, defendemos a hipótese que sua construção e seu progressivo ornamento estão envolvidos em uma atmosfera altamente ideológica e propagandística (TRILLMICH, 2005, pg.278).

Ao longo do tempo, *Augusta Emerita* passou a conter toda a estrutura essencial e indispensável para a boa marcha do aparelho institucional da recém província da Lusitânia: a residência dos magistrados, os arquivos públicos, os serviços financeiros, dentre outros. Fato este que apontaria também para uma concentração das decisões políticas e para a delimitação da colônia como capital provincial.

Neste contexto, as ações no território emeritense apontaram para um novo programa de administração dos territórios conquistados implementado por Augusto, que, em longo prazo, baseou-se na divulgação dos valores caros à tradição romana através da reprodução dos marcos arquitetônicos e urbanísticos da VRBS Roma. Assim, defendemos a viabilidade de pensar o urbanismo implementado na colônia de *Augusta Emerita*, como uma estratégia de domínio que possibilitou a difusão dos processos de Romanização, sendo um indicativo da conexão entre poder e cultura imperiais na região da Lusitânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

DION CASIO. *Historia Romana* – Tomo II. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

FARIA, A. Algumas Questões em torno da fundação de Augusta Emerita. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, número 1, 1998, pp. 161-167.

_____. Novas Notas Historiográficas sobre Augusta Emerita e outras cidades Hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 9, número 2, 2006, pp. 211-237.

GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999.

GUARINELLO, N.L. “O Império Romano e nós”. In: MENDES, N. M. e SILVA, G. (Orgs) *Repensando o Império Romano: Perspectiva Sócio-econômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 13 -19.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1991.

LE ROUX, P. «Mérida Capitale de la Province Romaine de Lusitanie». In: GORGES, J.-G., CERRILLO, E. y BASARRATE, T. (ed) *V Mesa Redonda Internacional sobre Lvsitania Romana: Las Comunicaciones* (Cáceres, 2002) Madrid: Ministério da Cultura, 2004.

MENDES, N. “Cultura e Sociedade: conceito e prática da romanização na Lusitânia”. In: GORGES J.-G. e BASARRARTE, T. (Orgs). *Sociedad y Cultura em Lusitânia Romana – IV Mesa Redonda Internacional (série Estudos Portugueses vol.13)* Mérida: Junta de Extremadura, 2000, pp: 439-443.

_____. e SILVA, G. Império, poder e representação. In.: *Dimensões- Revista de História da UFES*, nº 16, CCHN; Vitória: 2004

- _____. e SILVA, G. (Orgs) *Repensando o Império Romano: Perspectiva Sócio-econômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- WOOLF, G. *Becoming Roman*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- VEYNE, P. "Humanitas": Romano e não Romanos. In.: GIARDINA, A. (Org) *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.
- TRILLMICH, W. "Monumentalización del espacio publico emeritense como reflejo de la evolución histórica colonial: el ejemplo del teatro", In.: BASARRATE, T.(Org.) *Augusta Emerita: territorio, espacio, imagenes y gentes en Lusitania Romana - Monografía Emeritense 8*. Mérida: M.N.A.R., 2005.

Recebido em Setembro de 2008.

Aprovado em Novembro de 2008.